

ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA: UMA PEQUENA SÍNTESSE SOBRE PRÁTICAS ALIMENTARES NO CARIBE.

GABI OLIVEIRA LIMA¹;
LUCIO MENEZES FERREIRA

Universidade Federal de Pelotas¹ – ga6161bi@gmail.com¹
Universidade Federal de Pelotas – luciomenezes@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve síntese das principais pesquisas em arqueologia, com ênfase na arqueologia da diáspora africana, sobre práticas alimentares em plantations e outros sítios coloniais da América Central, especificamente na região das ilhas caribenhas. A análise faz parte de um dos capítulos do trabalho de conclusão de curso do autor, que corresponde a pesquisa de iniciação científica sobre práticas alimentares relacionada ao projeto – *O Pampa Negro: Arqueologia da Diáspora Africana em Pelotas*, funcionando como um exercício para aprofundamento teórico e metodológico sobre o tema, além de abrir possibilidades para comparações com pesquisas atualmente desenvolvidas no Brasil.

A literatura sobre arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos surgiu na década de 1960, impulsionada pelos movimentos por direitos civis e pelo enfrentamento da segregação racial, com foco nas relações entre escravizadores e pessoas escravizadas no sul do país. Os pesquisadores pioneiros sugeriram que os materiais arqueológicos revelam vestígios de cosmovisões africanas, reforçando a hipótese de uma linguagem cultural africana preservada e adaptada mesmo após o deslocamento dessas populações para as Américas. No Caribe as pesquisas da diáspora africana começaram por volta da década de 1970, e os trabalhos sobre práticas alimentares com foco na análise de vestígios zooarqueológicos a partir da década 90 com Armstrong (1990) influenciado a preencher uma falta acadêmica de literatura arqueológica sobre alimentação de africanos e afrodescendentes em plantations e sítios coloniais da região do Caribe, pois grande partes das pesquisas estavam concentradas no Sul do Estados Unidos e no *Mid-Atlantic* (MANTILLA OLIVEROS, 2016; DE MORAIS JÚNIOR, 2015; SYMANSKI, 2014; WALLMAN, 2020)

Desse modo, o trabalho busca elencar os principais resultados das pesquisas sobre práticas alimentares em plantations e sítios coloniais, traçando paralelos entre os estudos realizados na América do Norte e Central. O objetivo é compreender como as práticas alimentares foram importantes para a resistência das populações africanas e como isso reverbera atualmente na comida afro-americana estadunidense e caribenha.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada consiste em um levantamento bibliográfico sobre as principais palavras chaves que introduz ao tema tais como: *práticas alimentares, arqueologia da diáspora africana, plantations, América do Norte, América Central, Slavery e Foodways*. As plataformas digitais relevantes utilizadas na busca a literatura referencial são o *google scholar, Scielo e periódicos da CAPES*.

E foram consultados materiais de base reconhecidos no Brasil, especialmente obras e artigos de pesquisadores(as) destacados(as) e revistas especializadas, a exemplo da *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais, e a *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diane Wallman (2020), pesquisadora e professora da Universidade do Sul da Flórida, sintetizou e revisitou dados de 15 sítios localizados em ilhas caribenhas. Seu artigo demonstra como as práticas alimentares, analisadas através de estudos zooarqueológicos, foram fundamentais para a resistência de africanos e afrodescendentes no período colonial da América Central, contribuindo para a formação de estratégias de enfrentamento ao regime escravocrata em plantations, engenhos e fazendas, bem como para a superação da insegurança alimentar.

A metodologia da autora baseou-se em dados comparativos provenientes de estudos arqueofaunísticos de sítios relacionados a pessoas escravizadas no Caribe colonial. Foram analisadas informações como identificação taxonômica, frequência de cada grupo animal e os contextos de descarte, permitindo compreender padrões regionais de consumo alimentar e suas variações.

O trabalho de Wallman é central para o tema. Entre seus principais pontos, destaca-se que os 15 sítios estudados localizam-se numa área da América Central formada, em grande parte, por ilhas colonizadas por diferentes países europeus que disputavam territórios. Exemplos de pesquisas na região incluem: Reino Unido – Jamaica (ARMSTRONG, 1990; WEINAND & REITZ, 1994; HIGMAN, 1998; LUCAS & REITZ, 2002), Bahamas (WILKIE & FARNSWORTH, 2005), Barbados (WALLMAN, 2020), Ilhas Virgens Britânicas (CHENOWETH, 2018), St. Kitts (PETERSON & KLIPPE, 1999) e Dominica (WALLMAN & OAS, 2020); Dinamarca – St. Croix, Ilhas Virgens Americanas (ODEWALE ET AL., 2016), St. John, Ilhas Virgens Americanas (SICHLER, 2003), Water Island, Ilhas Virgens Americanas (KIDD, 2006); França – Guadalupe (BRUNACHE, 2011; TOMADINI ET AL., 2014).

A autora destaca as técnicas de aprovisionamento e partilha de alimentos, indicando formas de coletividade e uma rede de conhecimentos sobre diferentes formas de acesso a fontes proteicas. Por fim, identifica um padrão variável de combinação de vertebrados: animais domésticos (bovinos, suínos, caprinos), pesca local (peixes de recife, manguezal, mariscos) e caça de animais silvestres (aves e pequenos mamíferos). Essa diversidade demonstra que, apesar das condições impostas pelos escravizadores, os grupos escravizados mantiveram formas de autonomia e transformaram noções ancestrais de conhecimento alimentar, adaptando técnicas e práticas à nova realidade socioambiental.

4. CONCLUSÕES

Podemos considerar por fim que os trabalhos zoarqueológicos na área das pesquisas relacionadas a diáspora africana evidenciam que a alimentação dos africanos e afrodescendentes foram práticas transformativas como Wallman (2020) descreve, e possibilitou a criação de novas formas de saber-fazer e no consumo dos alimentos. Corrobora para o fortalecimento da autonomia, estratégias de subsistência e de tradições que hoje integra na sociedade e culinária afro-caribenha.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE MORAIS JÚNIOR, Geraldo Pereira. A carne e os ossos da escravidão: Entendendo os hábitos alimentares de senhores e escravos com base em amostras zooarqueológicas do Colégio dos Jesuítas. **Revista Três pontos**, 2015.

FERREIRA, Lúcio Menezes; SYMANSKI, Luis. Transformation and Resistance: African Diaspora Archaeology in Brazil. **Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage**, p. 1-29, 2023

OLIVEROS, Johana Caterina Mantilla. Arqueologia e comunidades negras na América do Sul: problemas e perspectivas. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica** , v. 1, pág. 16-35, 2016.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. A arqueologia da diáspora africana nos Estados Unidos e no Brasil: problemas e modelos. **Afro-Ásia** , p. 159-198, 2014.

WALLMAN, Diane. Subsistence as transformative practice: The zooarchaeology of slavery in the colonial Caribbean. **Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage**, v. 9, n. 2, p. 77-113, 2020.